

Sophie Calle: Encontros possíveis

A irreverência da arte de Sophie Calle nos surpreende e emociona em seus tons de melancolia e solidão, marcas dos nosso tempo. Um passeio pelas imagens deste número, *Erótica*, abre uma pequena brecha para a vastidão do olhar da artista. Nascida em Paris, em 1953, Calle toma as experiências da própria vida como matéria para uma arte conceitual pontuada pelo inusitado.

Da vastidão ao olhar pontual dedicado a um pequeno e sutil detalhe do cotidiano, transborda sua inquietante criatividade. Entre a fotografia, a escrita, a *performance*, ou em instalações, a artista constrói narrativas em camadas multifacetadas, incitando-nos a continuá-las. Capturada por um ponto que salta a seu olhar, instigada por suas fantasias, provoca as nossas ao nos oferecer obras que nos atingem e impactam. Não há imagem, texto ou performance de Calle que nos deixe intocados, ou não nos lance a uma estranha comoção.

Em uma época de relações fugazes, a artista arrisca trabalhar com a arte do encontro possível, reflete de forma crítica sobre situações sujeitas à fluidez do contemporâneo. Intimidade, privacidade, verdade, identidade são alguns dos temas que Sophie Calle, com ousadia, põe em xeque em suas obras.

Em seu trabalho *Suite vénitienne* (Calle, 1983 [1981]/1988) ela segue – ou persegue – um homem por uma Veneza labiríntica, misteriosa. Por alguns dias, sua vida transcorre nos passos deste outro de quem a artista fotografa as costas, a nuca, as sombras. Convocados a segui-la, adentramos o labirinto. Ela vive, e vivemos nós, ao acompanhá-la, a vida de um

outro (Baudrillard, 1983/1988). Preenchemos as sombras com trechos de nossa história. O que é real e o que é ficção?

Na trilha de *Suite vénitienne*, a artista nos leva a *O hotel* (Calle, 1983 [1981]/1988). Emprega-se em um hotel em Veneza e por três semanas, como camareira, limpa e arruma doze apartamentos. Passa a observar e fotografar objetos pessoais dos hóspedes. Ela invade a intimidade do outro ou é por ela invadida, por força de seu ofício? Perscruta a vida que se desprende de pertences alheios. Uma mala semiaberta, livros, cartas, roupas penduradas no armário. Restos de vida, fragmentos que a artista explora desafiam nossa curiosidade e fantasia, solicitam uma história. O que escondem e mostram as dobras dos lençóis amarfanhados de uma cama desfeita? Que noites foram ali vividas? E agora, se estas noites são nossas, como a elas entregaremos nossos sonhos? A dramaturgia de seu olhar (Fabris, 2009) extrai dos objetos narrativas que revelam poesia nas sutilezas do prosaico, do banal do dia a dia.

Ainda em um jogo de intimidades expostas, Sophie Calle escolhe locais públicos como um antigo e suntuoso palácio em Marselha, agora Musée Grobet-Labadié, ou a casa aonde Freud viveu seus últimos dias, o Museu Freud de Londres. Ali, espalha alguns objetos pessoais. Entre ricas tapeçarias, pesadas cortinas de veludo e seda, deixa jogados seus vestidos, sapatos, louças. Oferece ao público sua intimidade em um jogo de olhares cruzados, histórias mescladas, recriadas entre artista e espectador.

Vida e *performance*, presente e passado, real e inventado se confundem e nos confun-

dem. Aquele que se entrega às obras da artista descobre sua própria performatividade.

Assim é em “Cuide de você” (*Prenez soin de vous*, 2007). Atravessada pela ruptura de uma história amorosa anunciada por seu amante em um lacônico e breve e-mail, a artista transforma a falta de palavras em extensa narrativa. Entrega o e-mail a “107 mulheres – sendo uma de penas e duas de madeira (isto é um papagaio, uma boneca *bunraku* e uma marionete) – escolhidas pelo seu ofício, seu talento, para interpretar a carta sob um ângulo profissional” (Calle, 2007, p. 1). Interpretar o e-mail sob o ângulo profissional o retira do campo da paixão? Ou a expõe? Com a exibição das 107 cartas – visitada por milhares de pessoas em diversos países –, com a feitura de um vídeo e de um livro, Sophie Calle vive intensamente em uma trama de palavras, em distintas visões, o final desta história de amor. Oferta-nos sua experiência e nos torna personagens de sua obra. Desenha ali também, uma criativa e delicada forma de habitar sua dor, de cuidar-se. “Recebi um e-mail de rompimento. Não soube respondê-lo. Era como se não me estivesse destinado. Terminava por estas palavras: *cuide de você*. Tomei esta recomendação ao pé da letra.” (p. 1).

A ironia, construída em um brincar com a dor, é a tinta com que Calle muitas vezes imprime sua arte. A artista se compõe, revela-se, à medida que envolve um outro.

Imagens, textos, vídeos, desenhos, a dança, a música, ganham um movimento cinematográfico, e sugerem uma passagem de sentidos que se alteram e se alternam. A ironia, as cria-

tivas provocações das *performances* de Calle são convites à construção de autorretratos moventes, singulares, roteiros de invenções próprias em que o eu é vários outros. Como em uma análise, suas imagens/histórias traem e trazem a inevitável diferença imposta pelo outro. Diante de sua arte estamos na fronteira movediça entre intimidade/extimidade, realidade/ficção, verdade/mentira, o que nos exige um olhar que ora confie, ora desconfie.

Sophie Calle nos leva à dúvida, à investigação constante: Como foi? Como será? Quem será? De quem será? Quando?

Sem jamais obtermos respostas, continuamos à espreita de uma nova volta do parafuso.

Referências

- Baudrillard, J. (1988). Please, follow me. Em D. Barash e D. Hatfield (trad.), *Sophie Calle. Suite vénitienne*. Jean Baudrillard. *Please follow me*. (pp. 76-87). Bay Press. (Trabalho original publicado em 1983). <https://megalopolistour.files.wordpress.com/2010/02/please-follow-me.pdf>
- Calle, S. (1988). Suite vénitienne. Em D. Barash e D. Hatfield (trad.), *Sophie Calle. Suite vénitienne*. Jean Baudrillard. *Please follow me*. (pp. 2-73). Bay Press. (Trabalho original publicado em 1983 [1981]). <https://megalopolistour.files.wordpress.com/2010/02/please-follow-me.pdf>
- Calle, S. (2007). *Prenez soin de vous* [Catálogo de exposição]. Actes Sud.
- Fabris, A. (2009). Sophie Calle: Entre imagens e palavras. *ARS*, 7(14), 68-85. <https://www.scielo.br/j/ars/a/nJK6tYf6N97JzQnTvg8hTMC/?format=pdf&lang=pt>

Sophie Calle
Suite vénitienne (detail), 1980
© Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023.
Courtesy Perrotin



* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.